

Boi de Mamão

(Por Agenor Salgado, do Centro Cultural "Euclides da Cunha")

Guardo de minha meninice as mais alegres recordações do Boi de Mamão.

Sou caboclo do sertão barriga-verde. Meu pai, na minha infância, era "feitor de turmas de construção de estrada de rodagem". Devido a esse seu rústico serviço, levava com a família uma vida de cigano. Graças, porém, a essa particularidade, posso me orgulhar de ter tido uma infância genuinamente brasileira; vivendo, ora numa vila, ora numa pequena cidadezinha e, outras vezes, morando numa choupana encravada no coração das matas virgens. Aliás, eu nasci numa tapera que depois desapareceu sob a ação inclemente do tempo; meu falecido avô a construiu para servir de guarida à sua família. Depois de levantar um engenho de açúcar, abandonou a modesta cabana que me viu nascer. Coberta de palha e cercada de galhos e folhas secas, era um retrato singelo dos vistosos presépios que vemos nas igrejas.

Do contacto que tive com o povo simples da minha terra, conservo as mais queridas lembranças, o que, realmente, serve para me amenizar as agruras da existência.

Foi assim que vim a conhecer o Boi de Mamão.

Apesar da força dos anos terem apagado certos detalhes da brincadeira, outros há que ainda estão pintados com cô-

res vivas na minha memória.

Recordo-me bem da figura espalhafatosa de um boi de pano que saltava e dava chifrada a esmo, enquanto o cortejo, constituído por dois coros, em alegre vozerio, passava de casa em casa.

Um coro cantava:—

"O meu boi é pintado".

O outro respondia:—

"É boi!"

"O meu boi é malhado".

— "É boi"!

E, assim, por diante.

O bando tinha um chefe — o capitão, — cujos trajes eram distintos e cravejados de pontos brilhantes (depois vim a saber que eram inofensivos vagalumes espetados com alfinetes na roupa) e, como geralmente só saíam durante a noite, o efeito era fantástico.

Havia, também, o "Seu Dou-tô", figura simplória de caipira que receitava as mais estranhas drogas, quando por acaso o boi cedia, o que era muito comum.

Depois do boi, a principal figura do reino animal era o "Cavalo Marinho", um deselegante cavalinho de pau todo enfeitado, montado por um velhinho que dançava, na frente do boi, com extrema agilidade, cantando com uma voz macia e aveludada:

"Cavalo Marinho, ele vem do mar"...

Curitiba, 1^o.-VIII-1951.

Agenor Salgado